



A EDUCAÇÃO MISSIONÁRIA EM ICOLO-BENGO (ANGOLA) DURANTE A DITADURA SALAZARISTA

Washington Santos Nascimento
(UERJ)*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo entender os impactos da educação formal no processo de colonização impetrado por Portugal em Angola no século XX, sobretudo nas regiões de Ícolo e Bengo. Para tanto, pretende-se discutir a história das missões cristãs, responsáveis pela educação formal, bem como analisar as memórias de alguns angolanos que freqüentaram as escolas missionárias desta região como os militantes políticos e escritores Adriano Sebastião e Uanhenga Xitu.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Memórias, Angola, Icolo-Bengo

INTRODUÇÃO

O interior angolano de meados do século XX foi marcado pela implantação de uma série de culturas agrícolas obrigatórias, como o algodão e o café. A imposição do plantio de tais gêneros agrícolas tornou ainda mais difícil a vida dos camponeses angolanos, forçados a abandonar o cultivo de gêneros alimentares e submetidos a uma situação de vulnerabilidade ainda maior em momentos de grande fome.

A distribuição desses produtos era irregular no território angolano, com uma estiagem de maior densidade no norte. Dessa região, sobretudo das províncias de Ícolo e

*Professor Adjunto de História da África da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e licenciado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: washingtonprof@gmail.com



Bengo, Golungo Alto, Malanje e Catete, saíram muitos daqueles que viriam a ser os “novos assimilados”, ou seja, os personagens que na primeira metade do século XX terão acesso a educação escolar através das missões. O militante político e escritor UanhengaXitu (2006), da região de Icolo e Bengo, em depoimento dado a Dalila Mateus (2006), fala das dificuldades por ele vivenciadas para ter acesso a escola.⁷⁹:

Na situação social em que vivíamos, em que vivia o Indígena, melhor dizendo, o Preto, nas dificuldades que encontrava para entrar no liceu, para obter o bilhete de identidade, para ser assimilado, foram tantas as dificuldades, que vi nos lugares por onde passei, que comecei a tirar notas (XITU apud MATEUS, 2006, p.10).

Na fala de Xitu (2006), notamos a associação do preto com o indígena e a diferenciação destes em relação ao assimilado. Ir para a escola significava a possibilidade de mudar de estatuto racial (preto) e social (indígena) para uma posição, em tese, mais favorável. Nesse sentido, HomiBhabha (1998), ao fazer uma discussão sobre os locais da cultura e argumentar sobre os “entre-lugares” que são produzidos na articulação de diferenças culturais e sociais, no caso ao qual estamos analisando, o “indígena” e o “preto”, nos ajuda a entender estes dois conceitos como “[...] estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e

⁷⁹UanhengaXitu ou Agostinho André Mendes de Carvalho, seu nome em português, nasceu no dia 29 de agosto de 1924, na sanzala de Kalomboloca, no Ícolo e Bengo, Angola. Prefere ser chamado por seu pseudônimo literário UanhengaXitu, originário da língua quimbundo. Estudou e conseguiu se tornar enfermeiro. Por suas ações nacionalistas foi preso em 1959, pela polícia política do Estado colonial-fascista (PIDE/DGS), acusado de participar em atividades políticas revolucionárias consideradas subversivas e atentatórias à integridade do regime colonial português. Cumpriu parte dessa pena de prisão no período entre 1962 e 1970, no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Membro do MPLA desde o primeiro momento, ainda hoje é uma de suas principais referências. Escreveu uma série de obras O

Meu Discurso (1974); Mestre Tamoda (1974); Bola com Feitiço (1974); Manana (1974); Vozes na Sanzala (Kahitu) (1976); Mestre Tamoda e outros contos (1977); Maka na Sanzala (1979);

Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem (1980); Discursos do Mestre Tamoda (1984); O Ministro (1989); Cultos Especiais (1997)



postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20).

O pagamento da mensalidade escolar trazia grandes dificuldades para os alunos, como narrou o militante político Adriano Sebastião (1993)⁸⁰:

Pagava-se mensalmente 2,50 (dois angolares e meio) e essa quantia, às vezes minha mãe não tinha e eu para pagar a mensalidade tinha de trabalhar na lavra da missão, na enxada, uma thonga medida pelo professor Katolongo que consistia numa distância de 4 (quatro) metros de largura por 20 e 25 metros de comprimento. Esta medida variava conforme a densidade do capim da área a limpar [...] muitos não chegavam a acabar essa empreitada. Nós sempre acabamos e por isso merecemos sempre o respeito do casal professor e até de alguns colegas (SEBASTIÃO, 1993, p. 31).

O angular foi a moeda de Angola de 1928 a 1953; e os dois angolares e meio a que fez referência era uma cédula única que correspondia à segunda menor cédula então existente. Apesar disso, a pobreza era de tal ordem que esse valor era difícil ser pago. Outra questão destacada em seu depoimento é que, mesmo estando na escola, o uso do trabalho forçado permanecia como traço comum nas relações entre portugueses e africanos; para tanto, os portugueses utilizavam-se das brechas deixadas pelo Estatuto do Indigenato de 1926. Sebastião também se refere à importância dessas escolas missionárias para a educação dos angolanos:

Sem receio de desmentido o Kalomboloca aqui falado podia ser considerado a capital do Concelho embora essa estivesse localizada em Catete. E porque dizemos isso, dizemo-lo porque foi em Kalomboloca em Cavula onde se instalou a 1ª Missão, a Igreja, o Evangelho, trazido pelo inesquecível Robert Shields e com o seu pastor primeiro o senhor José Paulino em 1885, que não só espalhou a doutrina evangélica a toda área de Ícolo e Bengo (Catete) como trouxe consigo a Escola em que saíram professores como Domingos Pedro Cardoso, Aurélio da Silva Coimbra, Adão Gaspar Domingos, Agostinho Pedro Neto que fizeram discípulos como Cristóvão Agostinho de Carvalho, Júlio João Miguel, Cristóvão Manuel da Costa e muitos outros (SEBASTIÃO, 1993, p. 29).

⁸⁰ Adriano Sebastião foi um militante político que participou de diferentes grupos políticos angolanos como o Partido de Luta Unida por Angola (PLUA), fez parte do governo do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) desde o seu primeiro momento, sendo Embaixador de Angola em Portugal. Escreveu o livro de memórias "Dos campos de algodão aos dias de hoje" e "Missombo".



Em sua fala, há referência a duas gerações de missionários e professores metodistas: uma primeira geração de fins do século XIX, em que se encontravam Robert Shields e Domingos Pedro Cardoso, que apareceram na sexta edição do jornal da West Central África MissionConference, de 1909, como membros importantes da organização interna da missão metodista de Malanje⁸¹; e a segunda geração de professores da primeira metade do século XX, como Cristóvão Agostinho de Carvalho e Júlio João Miguel. Sebastião tentou mostrar a longevidade e importância histórica dessa missão em Angola. Continuou ele ressaltando a importância desse espaço:

Da escola de Ícolo e Bengo trazida pela igreja saíram muitos filhos que com os olhos já abertos e formados que nos nossos dias chamaríamos de *complot*, recusaram-se ao humilhante trabalho de cultura obrigatória do algodão que foi considerado, pelos comerciantes da região, liderados por Zé dia Mbala (José Bernardo), o mais destacado da área, como revolta e como resultado ou consequência a convocação da força do exército da 1ª linha estacionada no Catete que fez uma série de prisões dos considerados 'cabecilhas' que foram deportados para S. Tomé em 1922 (SEBASTIÃO, 1993, p. 22).

Para Sebastião (1993), Ícolo e Bengo era uma região de onde saíram muitos combatentes da luta contra Portugal e, por isso, as pessoas eram muito malvistas pelos metropolitanos, como podemos perceber, por exemplo, no conto *VavóXixi e seu neto Zeca Santos*, de Luandino Vieira, a ser analisado posteriormente.

Sebastião (1993) considera, de alguma forma e mesmo que inconsciente, a existência dessas escolas como motivadoras das ações reivindicativas dos angolanos. Essas ações fizeram parte de uma série de resistências a Portugal na primeira metade do século XX, provocadas pela intensificação do trabalho forçado das populações locais e o cerceamento social e econômico dos nativos.

Nesse contexto aconteceram a revolta dos Bakongos (1913-1915), a revolta de Kwanza Norte (1916-1917) e a revolta do Catete (1922), à qual Sebastião se refere, e

⁸¹ Além da estrutura interna, é possível ver no jornal informações sobre o cotidiano e imagens da missão. Jornal Oficial. *West Central Africa MissionConference*, 6ª edição, 1909.



uma série de outras manifestações contra o trabalho forçado, que ocorreram entre 1922 e 1925 na área compreendida entre Malange e Luanda. José Adão Fragoso, em seu livro de memórias (2010), relata que seu pai Adão José Fragoso também participara da revolta de 1922 como um dos líderes desse evento, mais tarde deportado para São Tomé⁸².

Acompanhando a história de Sebastião (1993), notamos que sua entrada no seminário protestante ocorreu para evitar complicações decorrentes da fuga dos campos de algodão, onde trabalhava de maneira forçada:

É que ela [a mãe de Sebastião] sabia que os que andavam na escola da missão quer católica como evangélica [protestante] não eram mexidos pelos kimbares e como ela não mais queria que o seu único filho, alguma vez mais fosse contratado para qualquer serviço do Estado, fez tudo para me entregar nas mãos de um protetor – a missão – pelo que coube essa honra ao casal Katolongo (SEBASTIÃO, 1993, p. 29).

Em seu depoimento, ele reforçou uma ideia que aparece em outros momentos de sua fala, ou seja, a missão constituía um território livre das ações do governo português e funcionava como uma fuga para as situações de discriminação social e racial, vivenciadas diariamente pelos angolanos. Sobre a entrada na missão protestante, afirmou:

[...] minha mãe pegou em mim e me levou à missão Evangélica e me entregou nas mãos do Professor e Pastor, o venerando Cristóvão Agostinho de Carvalho e sua esposa, a senhora D. Maria Diogo da Silva de Carvalho, com a recomendação de fazerem de mim o que quisessem e pudessem (SEBASTIÃO, 1993, p. 28).

O desespero em sair daquela vida fez com que sua mãe pedisse aos professores que fizessem de seu filho o que “quisessem e pudessem”. Quanto ao professor Cristóvão de Carvalho, ele foi um dos mais importantes missionários da Igreja Metodista de

⁸² Este não foi o único movimento de que participou João Fragoso, tampouco sua primeira deportação, pois em 1956 foi para Santo António do Zaire, em 1961, para Mussombo e mais tarde para São Nicolau, Cabo-Verde. FRAGOSO, José Adão. *O Meu Testemunho*. Edição do autor. Luanda, 2010.



Angola. Em 1965 transferiu-se do Bengo para Luanda, onde se tornou o primeiro reverendo da Igreja Metodista da comunidade de Belém, no Bairro Rangel, até hoje existente⁸³. Continuou Sebastião (1993):

Vestido de Kihamba, como camisa, de um calção de cotim e de quedes sem nenhum livro na mão, assim me apresentei porque assim minha mãe me levou e me entregou nas mãos do casal de professores Cristóvão de Carvalho – Katolongo – e Maria Diogo de Carvalho, em 1936 (SEBASTIÃO, 1993, p. 29).

Vestido como um trepador de cocos⁸⁴, sem nenhum instrumento de saber europeu (o livro) na mão, ele foi levado por sua mãe para se apresentar aos professores, vistos por ela como instrumento de transformação. Em uma sociedade marcada pela matriarcalidade, onde o filho mantém um contato estreito com a mãe por toda a vida, o que, no sentido simbólico, permite dizer que o cordão umbilical nunca é inteiramente cortado, pois ele sempre continuará dependente da linhagem dela, a mãe de Sebastião assumiu o papel de progenitora e protetora do filho⁸⁵.

Segundo Donizeth Santos (2007), na literatura angolana, o tema mãe e, em particular, mãe África é bastante recorrente. Segundo ele, esse "canto à Mãe-África" tornou-se, desde a primeira citação dessa expressão no romance *NgaMuturi*, de Alfredo Troni, de 1882, um "[...] grito de afirmação da identidade angolana (angolanidade) e

⁸³ Em 2010, a igreja de Rangel completou 45 anos de existência, sendo destaque no Jornal local. CALONGO, Carlos. Comunidade do Rangel com mais um ano de vida. Jornal de Angola, 16 de Setembro de 2010. Disponível em http://jornaldeangola.sapo.ao/18/0/comunidade_do_rangel_com_mais_um_ano_de_vida. Acesso em 10 de Agosto de 2012.

⁸⁴ Segundo Arnaldo Santos (2004), Quihamba ou Kihamba era uma corda que ampara pela cintura o trepador de coqueiros e que designava também o próprio trepador. SANTOS, Arnaldo. *A Casa velha das margens*. Luanda. Edições Maianga, 2004, p. 394.

⁸⁵ KabengeleMunanga faz esta discussão em 1986 em sua tese de doutorado sobre os Basanga de Shaba, um grupo étnico existente na atual República Democrática do Congo, antigo Zaire. Munanga volta a esta discussão em 1996 quando trata das sociedades africanas em meio a uma discussão sobre os quilombos na África. MUNANGA, Kabengele. *Os Basanga de Shaba*, Um Grupo Etnico do Zaire. São Paulo: FFLCH/USP, 1986. 334 p. e MUNANGA, Kabengele. Origem e Histórico do Quilombo na África. *Revista USP* v. 28, p. 56-64, 1995/1996.



africana (africanidade), resgatando o elemento ancestral africano acobertado pela assimilação cultural europeia promovida pelo colonialismo” (SANTOS, 2007, p.28).

Xitu (1991), primo e colega de Adriano Sebastião, que, em Colomboa, também foi entregue por sua mãe para a mesma missão protestante, disse que essas missões eram mais “abertas” às ideias nacionalistas, não eram subsidiadas pelo governo e atraíam a população angolana para suas escolas e centros de saúde. No depoimento dado a Laban (1991), buscou explicar esta sua impressão:

[...] ensinavam a ler e escrever já com uma dosezinha de angolanismo, para a identificação própria do angolano. Eu senti isso na escola, quando era aluno. Por exemplo, os professores contavam as suas histórias... Há uma lição, hoje, de História, ele vai contando, o Diogo Cão, Bartolomeu Dias, porque a história de Angola pouco ou nada existiu: havia umas linhazinhas pequenininhas, que nem se davam. Mas explicavam o desembarque do Diogo Cão, ao mesmo tempo que também enaltecia o poder dos angolanos – por exemplo, a rainha Jinga ao encontro com os portugueses, o Salvador Correia... Ora, fazer a vez de professor oficial das missões protestantes – a maior parte eram negros angolanos – e ao mesmo tempo explicava e enaltecia as qualidades dos guerrilheiros angolanos. Portanto, é isso que eu via como diferença. E isso não era um caso isolado, eram quase todos os professores. Falava-se dos reis do Congo, Ndunduma, Mandume, etc, etc... (XITU In: LABAN, 1991, p. 125).

Ele se refere a “angolanismo” como sinônimo de nacionalismo. O termo “angolanismo” (ou “angolanidade”), um dos neologismos criados pelos nacionalistas angolanos durante o processo de luta anticolonial⁸⁶, aparece, inicialmente, em um artigo de Fernando Costa Andrade, que o define como sendo o instrumento do homem angolano em “[...] luta contra os processos erosivos da alienação” (ANDRADE apud Jorge, 1988, p. 6). Entretanto, tal visão ainda apresentava certo esquematismo e ortodoxia por pensar a cultura de maneira estática, por isso Alfredo Margarido (1960) foi quem melhor o definiu, ao dizer que a angolanidade se refere à “substância nacional angolana”.

No domínio político, a angolanidade tornou-se um instrumento para a criação e afirmação de uma identidade nacional e, no aspecto cultural, serviu como um

⁸⁶ JORGE, Manuel. Nação, identidade e unidade nacional em Angola. In *Latitudes: Cahiers Lusophones*, France, 2006, p. 3-10 e JORGE, Manuel. *Para Compreender Angola*, Lisboa: Dom Quixote, 2008, 296p.



contraponto à política de assimilação colonial, ao propor certo “retorno às origens” e uma rejeição à imposição cultural portuguesa⁸⁷, o que, segundo Xitu (1991), acontecia dentro dos espaços escolares das missões protestantes, sobretudo porque alguns professores eram “pretos” angolanos que ensinavam a “grandeza” da história de Angola. Ao ser perguntado por Laban (1991) porque sua mãe o colocara em uma missão protestante, respondeu:

A missão protestante foi a mais acolhedora. Independentemente disso, foi a primeira missão que apareceu naquele lugar. E mais fez pelo povo do que a missão católica que já tinha lá as igrejas há séculos. Uma história por exemplo: na Muxima, Quiçama – já ouviu falar? O povo de Quiçama ficou quase completamente analfabeto. Só depois de uma determinada época é que começou a despertar. Um ou outro que se safou, que os missionários enviaram para os seminários, aprendeu qualquer coisa... mas 90% da população ficou quase analfabeta... A igreja lá estava há séculos. E o ensino das populações estava entregue à missão católica. Ora, quando a missão protestante entra, muito mais tarde – já pelos anos de 30 –, deu um passo qualitativo nas populações. Eis uma das razões pelas quais se notou, no passado, a diferença onde está uma missão católica e uma missão protestante. Isso notou-se muito, sobretudo no Centro e no Sul de Angola (XITU In: LABAN, 1991, p. 125).

Xitu considera a missão protestante como mais “acolhedora”, a que “mais fez pelo povo”, em especial, quanto ao processo de alfabetização dos angolanos, reconhecendo uma diferença qualitativa entre as regiões de presença católica e as de presença protestante. Entretanto, como já dissemos, é preciso ponderar que, tanto as missões católicas, quanto as protestantes impuseram lógicas culturais europeias, entretanto, como em todo contexto que envolve violência e resistência, os angolanos

⁸⁷Para Manuel Jorge (1998): “A angolanidade constrói-se com tudo aquilo que a História legou ao povo angolano: o substrato negro africano e os elementos da cultura dominante que, ao longo dos séculos, penetraram até ao fundo do inconsciente popular. Será que essa concepção conduz à aceitação da condição de mestiço cultural? Absolutamente, não! É que essa concepção é a única que seja conforme a realidade. Ela parte do princípio que não há cultura *pura*, como não há raça *pura*. E é por isso que devemos assumir, plena e inteiramente, a realidade histórica que forjou Angola e a sua cultura (JORGE, 1998, p.8)”. JORGE, Manuel. *Para Compreender Angola*. Op cit...



utilizaram-se das poucas brechas deixadas pela educação para resistir ao colonialismo português, ressignificando e criando novas subjetivações.

Seu depoimento nos ajuda a pensar o caráter controverso e complexo do contato com o universo europeu, que poderia significar o afastamento da chamada cultura tradicional, ou seja, a “cultura dos mais velhos”:

Porque cresci e fui educado nas igrejas e nunca me dediquei a tradições que se chamavam “obscuras”, segundo uns, ou dessa ou daquela religião “obscura”, no dizer dos outros. Porque as únicas religiões que não eram obscuras e se conheciam por doutrinas científicas: católica ou protestante (XITU In: LABAN, 1991, p. 116).

Ele faz uma distinção entre as tradições religiosas “obscuras” e as “científicas”, utilizando para isso o parâmetro europeu. Tendemos a imaginar que a utilização de tal parâmetro deveu-se, provavelmente, ao fato de que a entrevista estava sendo dada para um francês, Michel Laban, apesar de não ter voltado a esta distinção em nenhuma outra entrevista analisada por nós⁸⁸. Em um depoimento dado anos antes, em 1984, afirmou que esse afastamento se dava especialmente por conta dos assuntos que eram lecionados na escola:

No meu tempo sabia-se mais de Portugal, ‘mãe-Pátria’, dos rios, e seus afluentes e foz, divisão administrativa do Minho ao Algarve, limites, suas guerras, façanhas portuguesas, mas de Angola nem se sabia sequer o que existia na região. Os professores recordavam-nos, no antigamente, as histórias dos escritores portugueses como Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Júlio Dinis, Eça de Queirós etc. (XITU, 1984, p. 184).

Era uma escola de portugueses para portugueses, a cultura local era completamente desconsiderada. Na apresentação do livro *Os discursos do “mestre*

⁸⁸ Para Alessandro Portelli (1997), uma entrevista é um processo de troca e interferência mútua, em que tanto entrevistador quanto entrevistado influenciam um ao outro. Segundo ele “[...] uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca” (PORTELLI, 1997, p.11). PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, v. 14, p. 7-24, fev. 1997



Tamoda” (1984), Xitu (1984) utiliza-se de seu personagem para lembrar as escolas do período colonial:

Muitas vezes fizeram-me a pergunta por que os alunos gostavam mais dos ensinamentos do Mestre Tamoda que dos professores oficiais. Os alunos gostavam mais do método do ensino de Tamoda porque pensavam que se aprendia com mais facilidade de poder discutir-se com qualquer estudante ou professor (XITU, 1984, p. 20).

Na “educação de Tamoda”, ou seja, na educação de angolanos para angolanos, idealizada por Xitu, diferentemente da educação à portuguesa, em que somente o professor falava, havia uma dialogicidade entre alunos e professores, conferiam-se palavra e autonomia ao angolano. Era também uma educação sem castigos corporais:

Além disso, Tamoda não dava palmatoadas nem chicotes a ponto de fazer desmaiar o aluno, como o faziam alguns professores do ensino oficial, nem tão-pouco os mandava trabalhar nas lavras na tal 5^a (quinta-feira), dia de serviço do senhor professor, sem água, nem comida; nem os mandava galgar a 20 a 50 quilômetros da sanzala à procura ou à compra de peixe e outros produtos; nem às lavras dos comerciantes apanhar algodão, e o pago, o lucro, revertido a favor do professor, para compensar a mesada que os pais pagavam (XITU, 1984, p. 20).

Essa ligação com o universo português foi também destacada por Raul David (1991)⁸⁹ na entrevista realizada em 1988, em Luanda, inicialmente, sobre temas

⁸⁹ Escritor angolano, Raúl Mateus David nasceu a 23 de abril de 1918, na província de Benguela, na cidade da Ganda, Angola. Terminou o ensino secundário no Seminário Menor do Sagrado Coração de Jesus, no Galangue. Trabalhou em diferentes atividades, de funcionário público de profissão a feitor em fazendas do interior do país. Suas obras se destacam pelo estudo do passado colonial nas zonas interioranas de Angola, como em *Colonizados e colonizadores* (1974); *Escamoteados na Lei* (1977); *Contos Tradicionais da Nossa Terra* (I) (1978); *Narrativas ao acaso* (1979); *Contos Tradicionais da Nossa Terra* (II) (1981), *Cantares do Nosso Povo* (1988); *Crônicas de Ontem para Ouvir e Contar* (1989); *Da Justiça Tradicional dos Umbundos* (1997). Foi um dos membros fundadores da União dos Escritores Angolanos (UEA), referência pessoal e literária, “mais velho”, era chamado pelas pessoas mais próximas de “Ti Raul”, apesar de sua importância e reconhecimento público, nunca quis, nem exerceu cargos públicos. Faleceu em 20 de fevereiro de 2005 em Lobito, província de Benguela. Quando de sua morte o escritor Boaventura Cardoso, então ministro angolano da Cultura, disse que “É uma biblioteca que desaparece, perdemos uma enciclopédia viva do passado



vinculados à sua produção literária. A primeira questão de Laban (1991) girava em torno do livro *Colonizados e Colonizadores*, mas, depois, o entrevistado acabou por conduzir, em grande parte, a conversa, utilizando-a para contar sua história, o fato de ter sido um assimilado e as complexidades dessa condição social⁹⁰. Sobre a ligação com o universo português recorda:

Eu fui educado num meio fechado. Minha madrinha, que era professora particular, ensinou-me a falar e a escrever em termos dela – era lisboeta, ainda por cima... Saio de casa de minha madrinha, vou para um seminário e vou encontrar os padres do Espírito Santo que fazem questão de serem puritanos de linguagem. Logo, eu, para escrever, para fazer as descrições, para traduzir o clássico latim... Tivemos um padre francês, o Emile Blanc, que falava português e tal e qual como o professor está a falar, era exigente na correção de linguagem e não só de linguagem como de ortografia, caligrafia inclusivamente, e essa exigência deu-nos a faculdade de chegarmos cá fora e podermos entrar no comércio, trabalharmos, sermos polivalentes: podermos trabalhar em todos os setores da vida devido às qualidades fortes que eles nos deram (DAVID apud LABAN, 1991, p. 51).

Em 1866, padres ligados à Congregação do Espírito Santo partiram de Portugal em direção a Angola, onde se dividiram, a princípio, em quatro circunscrições missionárias: Cabinda, Malange-Lunda, Planalto de Benguela e Planalto de Huíla⁹¹.

colonial". CARDOSO, Boaventura. Prefácio a 1ª Edição In DAVID, Raul. *Escamoteados na Lei*. União, Endiama, Porto do Lobito. 1990 Morreu escritor angolano Raul David, autor de "Colonizados e Colonizadores" *Agência LUSA*.21 Fev, 2005, 11:28. Disponível em <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=153039&tm=4&layout=121&visual=49>.

⁹⁰ A sua entrevista foi uma das mais ricas para o problema de pesquisa por nós proposto e será analisada também em outros momentos desta tese.

⁹¹ Segundo Maria Martins (2008), "No enclave de Cabinda, a missão era Lândana, e era masculina e feminina com internato. A circunscrição missionária do interior de Benguela era a mais próspera e progressiva dos padres do Espírito Santo. As missões principais eram as de Caconda, Bailundo e Huambo. Tinham padres e leigos preparados em três casas na Metrópole; uma de missionários presbíteros, outra de auxiliares leigos em Braga e outra ainda para estudos complementares em Viana do Castelo. As missões do planalto da Huíla eram as mais florescentes, a seguir, as do planalto de Benguela. Geograficamente, eram excelentes, de clima temperado e de boas possibilidades agrícolas. Eram, como as de Cabinda, missões modernas e modernamente organizadas, onde a economia e o trabalho europeus foram integrados na vida do indígena" (MARTINS, 2008, p. 303). MARTINS, Maria Odete Soares – O pensamento missionário do padre Joaquim Alves Correia (1886-1951). *Lusitania Sacra*. Lisboa, 2007-2008.



CONCLUSÕES

A escola era uma das poucas possibilidades de ascensão social para o angolano. Era uma forma de se livrar do trabalho forçado, dos impostos e da violência da administração colonial. Se por um lado significava a desestruturação das lógicas culturais daqueles angolanos que faziam parte dela, trazendo a conversão ao cristianismo por parte daqueles que as freqüentaram nas missões religiosas, sendo desta forma (escolas e missões) uma forma de controle das populações nativas, por outro também o espaço em que um conhecimento mais qualificado da realidade social de Angola começava a circular e onde se formara uma elite política que irá conduzir Angola a independência em relação a Portugal.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Boaventura. Prefácio a 1ª Edição In DAVID, Raul. **Escamoteados na Lei. União, Endiama**, Porto do Lobito. 1990 Morreu escritor angolano Raul David, autor de "Colonizados e Colonizadores" *Agência LUSA*. 21 Fev, 2005, 11:28. Disponível em <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=153039&tm=4&layout=121&visual=49>.
- CALONGO, Carlos. **Comunidade do Rangel com mais um ano de vida**. Jornal de Angola, 16 de Setembro de 2010. Disponível em <http://jornaldeangola.sapo.ao/18/0/comunidade-do-rangel-com-mais-um-ano-de-vida>. Acesso em 10 de Agosto de 2012.
- DAVID, Raúl. Entrevista In: LABAN, Michel. **Angola : encontro com escritores**. Porto : Fundação Eng. António de Almeida, 1991. - p. 45-76
- LABAN, Michel. **Angola: encontro com escritores**. Porto : Fundação Eng. António de Almeida, 1991 (Volume I e II).
- KASEMBE, Dya. **As mulheres honradas e insubmissas de Angola**. Luanda : Nzila, 2005
- FRAGOSO, José Adão. **O Meu Testemunho**. Edição do autor. Luanda, 2010.
- PACAVIRA, Manuel Pedro. **Introdução** In; PACAVIRA, Manuel Pedro. *Gentes do Mato*. Lisboa, Edições 70, 1981.



- _____. **Escrevo quando sinto necessidade de contar uma história.** Entrevista dada a Aginaldo Cristóvão. União dos Escritores Angolanos, 2012. Disponível em <http://www.ueangola.com/entrevistas/item/430-escrevo-quando-sinto-necessidade-de-contar-uma-hist%C3%B3ria-verdadeira>. Acesso em 08 de Fevereiro de 2013.
- SANTOS, Arnaldo. **A Casa velha das margens.** Luanda. Edições Maianga, 2004.
- SEBASTIAO, Adriano. **Dos campos de algodão aos dias de hoje.** Edição do Autor, 1993
- XITU, Uanhenga. Entrevista In: LABAN, Michel. **Angola : encontro com escritores.** Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991. - p. 109-131
- _____. Entrevista In: MATEUS, Dalila Cabrita. **Memórias do Colonialismo e da Guerra,** Porto, Edições ASA, 2006.
- _____. Entrevista In: CRISTÓVÃO, Aginaldo Cristóvão e CORI, Isaquiel. **Pessoas com quem conversar.** Angola, UEA, 2004
- _____. **Palestra proferida pelo autor em 25 de Agosto de 1983,** aos estudantes de literatura africana, e patrocinada pelo centro de estudos africanos e pela disciplina de literatura africana do departamento de línguas vernáculas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil In: XITU, Uanhenga. *Os discursos do "mestre" tamoda.* Luanda, Angola: União dos Escritores Angolanos, INALD, 1984.

Artigos e Livros

- BENJAMIN, Walter. **O Narrador:** considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221..
- BOAHEN, Albert Adu. **Tendências e processos novos na África do século XIX** In: AJAYI, J. F. Ade. *História Geral da África VI.* Brasília, Unesco, 2010.
- CONCEIÇÃO NETO, Maria Eugênia. **Breve Introdução histórica** In: MEDINA, Maria do Carmo: *Processos políticos da luta pela independência.* Luanda: Faculdade de Direito UAN 2003:
- _____. **Ideologias, Contradições e Mistificações da Colonização de Angola no. Século XX.** In: *Lusotopie.* Éditions Karthala, 1997.
- DULLEY, Iracema. **Deus é feiticeiro** - prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial. São Paulo: Annablume. 2010, p.34.
- FREUDENTHAL, Aida Faria. Angola. In: MARQUES, A. H. de Oliveira. **Nova história da expansão portuguesa,** V. XI, Lisboa: Estampa, 2001.
- GABRIEL, Manuel Nunes. **Angola. Cinco séculos de Cristianismo.** Edição Liberal, Braga, 1978.
- HENDERSON, Lawrence W. **A Igreja em Angola:** um rio com várias correntes. Lisboa: Além-Mar, 1990,
- HAROCHE, Claudine. **Les exigences de la reconnaissance dans les sociétés démocratiques** In ENRIQUEZ (Edit) *Le Goût de l'altérité,* Paris, Desclée de Brouwer, 1999.
- HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva.** In: KI-ZERBO (coord.). *História Geral da África I.* Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 2012, pp.181-218.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004
- LE GOFF, Jacques. **Memória**, In: História e memória, pp. 423-483, Ed. da Unicamp, Campinas, 1982.
- KAVAYA, Martinho. **Educação, cultura e cultura do amém**: Diálogos do Ondjango com Freyre em Ganda / Benguela / ANGOLA. *Mestrado em Educação*. Universidade Federal de Pelotas, 2006
- JORGE, Manuel. **Nação, identidade e unidade nacional em Angola**. In Latitudes: Cahiers Lusophones, France, 2006, p. 3-10
- _____. **Para Compreender Angola**, Lisboa: Dom Quixote, 2008, 296p.
- MARTINS, Maria Odete Soares – **O pensamento missionário do padre Joaquim Alves Correia (1886-1951)**. Lusitania Sacra. Lisboa, 2007-2008.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. **Nova história da expansão portuguesa**. Volume XI, Lisboa: Estampa, 2001.
- MARQUES, Inácio Luiz. **As memórias do 27 de maio de 1977 em Angola**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- MESSIANT, Christine. **L'Angola post-colonial**: Sociologie d'une néo-colocratie, Paris: Karthala, 2009.
- _____. **"Luanda (1945-1961): colonisés, société coloniale et engagement nationaliste"**, in Michel Cahen (Org. de). Vilas et cidades. Bourgs et villes en Afrique Lusophone. Paris: Laboratoire Tiers-Monde/Afrique, 1989.
- _____. **"Angola: the challenge of statehood"**, in David Birmingham; Phyllis M. Martin (Ed. by). History of Central Africa. The Contemporary Years Since 1960. London: Longman, 1998.
- _____. **'Protestantisme en situation coloniale. Quelles marges?'**, Lusotopie 245-256. 1998
- MUNANGA, Kabengele. **Os Basanga de Shaba**, Um Grupo Etnico do Zaire. São Paulo: FFLCH/USP, 1986. 334 p.
- _____. **Origem e Histórico do Quilombo na África**. Revista USP v. 28, p. 56-64, 1995/1996.
- NASCIMENTO, Washington Santos. **Gentes do Mato**: os "novos assimilados" em Luanda. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- NEVES, António M. S. S. **"As Igrejas e o nacionalismo em Angola"**, Revista Lusófona de Ciência das Religiões, 13-14: 511 - 526, 2008.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. **O bom povo português**: usos e costumes d'aquém e d'além mar, 04/2001, Mana (Rio de Janeiro), Vol. 1, pp.55-88, Rio de Janeiro, 2001.
- TOMAS, Cláudio. **Discursos e práticas alternativas de reconciliação nacional e de construção da nação em Angola**: O caso da Igreja Evangélica Congregacional de Angola. Dissertação de mestrado, Lisboa: ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, 2009.
- PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral**: a pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, v. 14, p. 7-24, fev. 1997